

Rumo à auto-suficiência em petróleo

Não poderiam chegar em melhor oportunidade as boas notícias que são divulgadas em torno da produção e da oferta de petróleo. A primeira e mais recente delas refere-se ao recorde de produção quebrado pela Petrobras, na sexta-feira passada, quando a Bacia de Campos atingiu a marca de 1 milhão de barris diários. Com isso, a produção nacional diária eleva-se a 1,3 milhão de barris, colocando o País na rota da auto-suficiência.

A relação entre produção e demanda deve atingir seu ponto de equilíbrio dentro de cinco anos, conforme projeções divulgadas ontem pelo presidente da Petrobras, Henri Reichstul. O cálculo, é importante frisar, leva em conta uma taxa média de crescimento do nível de atividade da ordem de 3% a 4% ao ano até 2005. Nesse ritmo, a demanda, hoje na casa de 1,750 milhão de barris diários, poderá chegar a 2,1 milhões ou 2,2 milhões e ainda assim ser atendida pela futura produção obtida em território nacional.

A concretização da auto-suficiência, uma antiga aspiração nacional, será consumada com os investimentos da ordem de US\$ 4,45 bilhões levantados junto a bancos e investidores japoneses e a parcerias que a Petrobras firmou com empresas internacionais em regime de "joint venture".

Nos dia 23 de julho a Petrobras detalhou os dois primeiros projetos, ambos na Bacia de Campos: a exploração dos campos de Espadarte, Voador e Marimbá, que receberão investimentos de aproxi-

madamente US\$ 1,1 bilhão, e o projeto de Cabiúnas, no qual serão aplicados US\$ 850 milhões.

A esses dois novos pólos de produção se soma o terceiro projeto, de exploração dos campos de Barracuda e Caratinga, na Bacia de Campos, anunciado ontem. Objeto de investimentos que totalizam cerca de US\$ 2,5 bilhões, o projeto será conduzido pela Petrobras em parceria com a empresa norte-americana Kellogg Brown & Roof.

Investimentos para aumentar a produção brasileira somam aproximadamente US\$ 4,5 bilhões

Assegurar energia para sustentar o processo de recuperação econômica que se desenha de forma cada vez mais nítida é realmente importante.

Dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstram que a produção industrial brasileira vem subindo mensalmente desde agosto de 1999 — a elevação registrada em maio, de 6,1% em relação ao mesmo mês do ano passado, foi a décima consecutiva. Não se pode, entretanto, deixar de apreciar os impactos advindos dos próprios investimentos realizados no setor petrolífero.

Os três programas citados, por exemplo, deverão promover a revitalização da indústria naval do Rio de Janeiro, que prestará serviços de reforma de navios de produção e de armazenamento nos campos. Estima-se que as novas encomendas aos estaleiros

fluminenses deverão resultar na abertura de 12 mil novos postos de trabalho.

Concorre para reforçar as perspectivas positivas no terreno da oferta e da demanda de petróleo o anúncio, até certo ponto surpreendente, feito pela Arábia Saudita nesta segunda-feira. O governo de Riad informou que vai colocar 500 mil barris diários adicionais no mercado, com o objetivo de trazer a média de preço para US\$ 25 o barril. A manobra já está surtindo efeito. O preço do barril recuou dos US\$ 31,10 registrados segunda-feira para os US\$ 29,38 de ontem.

Todos esses aspectos remetem ao esperado anúncio em torno do aumento do preço dos combustíveis, que deverá ser decidido ainda este mês. Trata-se de matéria delicada que deve ser conduzida com extremo cuidado. Se o reajuste é de fato imprescindível, como dizem técnicos do governo, o assunto deverá ser administrado com a máxima prudência para não comprometer o bem-sucedido esforço de controle da inflação.

O ministro de Minas e Energia, Rodolpho Tourinho, disse ontem que o preço do combustível no País tem de estar alinhado com os preços internacionais, com o que concordamos. O alinhamento é essencial até para assegurar o investimento do capital externo no desenvolvimento de novos campos de petróleo. Espera-se, entretanto, um alinhamento pleno, que contemple a contrapartida de acompanhar e praticar no mercado interno as eventuais quedas dos preços internacionais. ■